

Epidemias e suas narrativas multidisciplinares ao longo da História

Apresentação do Dossiê



As epidemias, nos mais variados recortes históricos, contestam e perturbam as formas socioculturais tradicionais e vigentes de lidar com a morte, o morrer e os mortos, que desequilibram o mundo dos vivos em vários aspectos, ocasionando uma nova reestruturação. Face à situação mundial atual, este dossiê tem como objetivo discutir algumas maneiras como sociedades, em diferentes contextos geográficos e temporais, lidaram – ou lidam – com epidemias, e como estas impactam o processo social, cultural político e biológico do morrer e dos mortos, as visões sobre a morte e o cotidiano dos ritos fúnebres. Em consonância

* Doutora em Arqueologia do Mediterrâneo Antigo pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora Visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, líder do TAPHOS (Grupo de Pesquisa em Práticas Mortuárias no Mediterrâneo Antigo), ligado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e do NEPAAF (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia Forense), ligado à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). CV: <http://lattes.cnpq.br/8163266362560871>

** Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Nacional Autónoma do México. Professor Pesquisador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidade Autónoma do Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do México. Presidente em exercício do Conselho Editorial da Universidade (UAEH). CV: Manuel.Alberto.Morales.Damián@uaeh.edu.mx

*** Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professor Livre-docente pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP. Professor titular do Programa de Mestrado em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da UNINOVE. CV: <http://lattes.cnpq.br/5044872646602103>.

**** Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), de Florianópolis, no Brasil. Membro do Comitê Científico de História e Geografia da Editora CRV. CV: <http://lattes.cnpq.br/0552725334374907>



entender e apresentar algumas leituras históricas, antropológicas, arqueológicas, artísticas e políticas em contextos de epidemia em todos os períodos históricos.

Há mais de um ano os termos *epidemia* e *pandemia* estão na ordem do dia. São palavras compostas de etimologia grega, definidas pelo sufixo comum - uma variante da palavra *dêmos* (δῆμος), que significa “povo” - e se distinguem pelos prefixos *epí* (ἐπί), traduzido como “sobre” (Malhadas, Dezotti, Neves, 2007, p. 113), e *pan* (πᾶν) com o significado de “todos”, “que envolve todos”, ou “tudo” (Malhadas, Dezotti, Neves, 2009, p. 9). Remetem às doenças que, clinicamente, podem ser definidas como alterações biológicas do estado de saúde de um ser homem ou animal, manifestada por um conjunto de sintomas perceptíveis ou não, causadas por fatores externos, tais como agentes patológicos ou por disfunções metabólicas internas que promovem estados anormais na estrutura e no funcionamento do organismo (Campillo, 2001; Ortner, 2003; Roberts e Manchester, 1995). Epidemia é caracterizada por transmissão e contágio rápidos e generalizados de determinada doença, em um número elevado de indivíduos, provocando a morte de grande parte de uma população, e pandemia corresponde ao estágio em que a doença, já em fase epidêmica, atinge diversas regiões geográficas em um continente ou em todo o planeta, com grandes proporções letais ocasionando significativas alterações demográficas, políticas, econômicas e culturais (Roberts e Manchester, 1995). Aparecem tanto nos vestígios arqueológicos, por meio da análise da cultura material, quanto na documentação textual ao longo de toda a história.

Uma das epidemias mais antigas relatada pelas evidências literárias é a denominada Peste ou Praga de Atenas ou Peste do Egito, ocorrida na Grécia, entre 430 e 427 a.C.¹ Tucídides descreve que a epidemia matou cerca de um quarto da população de Atenas e teria atingido parte do Mediterrâneo oriental.² O próprio escritor e o chefe político ateniense Péricles também foram vítimas da doença, que teria vindo do Egito e da Líbia e se espalhado pelo mundo helênico.³ Despreparados e sem qualquer conhecimento sobre a natureza e o grau de mortalidade, sobre como cuidar dos sintomas da doença e conter seu rápido contágio, os próprios médicos morreram rapidamente. As piras funerárias eram tão grandes e abundantes de corpos que suas chamas foram vistas pelos inimigos espartanos que retiraram suas tropas, a fim de evitar contato com os atenienses enfermos.⁴

Os efeitos do surto foram sentidos muito além das questões demográficas, envolvendo aspectos socioculturais, religiosos, econômicos e políticos (Littman, 2009; Martínez, 2017; Sourvinou-Inwood, 2003). As leis tornaram-se mais rígidas, o comportamento e a moral dos cidadãos mudaram, as práticas funerárias sofreram profundas alterações. O medo do contágio fez com que muitos dos enfermos não recebessem cuidados apropriados, sobretudo os indivíduos pertencentes às camadas menos abastadas da população. Quando não eram cremados nas piras funerárias, os mortos eram empilhados, deixados para apodrecer ou

¹ TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, 2.48-54. Tradução / edição utilizada: THUCYDIDES. History of the Peloponnesian War, Volume I: Books 1-2. Translated by C. F. Smith. Loeb Classical Library 108. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

² Idem, 2.48.1.

³ Idem, 2.48.3.

⁴ Idem, 2.53.



jogados em valas comuns.⁵ A situação precária de higiene resultava no aumento do contágio e, conseqüentemente, das mortes.

Os templos e edifícios sagrados acabaram servindo como local de refúgio e acomodação para aqueles que não conseguiam obter cuidados médicos, e ficaram cheios de enfermos e mortos. As pessoas se sentiam abandonadas pelos deuses e parecia não haver mais benefícios em adorá-los.⁶ Os impactos também foram sentidos na atuação ateniense na Guerra, com uma perda geral da capacidade de expansão e da supremacia militar, com a redução do número de soldados e, ainda, de um enfraquecimento do poder político (Martínez, 2017).

As primeiras evidências arqueológicas sobre o evento histórico narrado por Tucídides foram identificadas durante 1994 e 1995, quando escavações conduzidas por Efi Baziotopoulou-Valavani, diretora da Terceira Eforia de Antiguidades, durante obras de ampliação das estações do metrô realizadas próximas ao antigo Cemitério do Cerâmico em Atenas, revelaram uma vala comum contendo os remanescentes ósseos de aproximadamente 90 indivíduos adultos e 10 crianças (Axarlis, 1998; Littman, 2009). Os esqueletos encontravam-se dispostos de forma desordenada, sem preenchimento de terra entre eles, indicando que teriam sido jogados na vala. Contudo, vários objetos foram identificados com os corpos, sobretudo, vasos cerâmicos que permitiram a datação da vala entre 430 e 426 a.C. (Axarlis, 1998).

O agente patológico causador daquela epidemia é alvo de um debate caloroso entre os historiadores e bioarqueólogos (Littman, 2009; Olson et al., 1996; Papagrigorakis et al., 2006a; Papagrigorakis et al., 2006b; Shapiro et al., 2006). Os sintomas descritos por Tucídides são comuns às manifestações de diversos agentes patológicos (Littman, 2009). Em 2005, o estudo paleogenético de amostras das polpas de alguns dentes de indivíduos da vala comum identificou sequências de DNA semelhantes às da bactéria denominada *Salmonella sorovar Typhimurium* ou *Salmonella Typhimurium*, causadora de um tipo de febre tifoide (Papagrigorakis et al., 2006a; Papagrigorakis et al., 2006b).

Outros pesquisadores, utilizando analogias etnográficas comparando os sintomas causados pelo vírus Ebola ou vírus de Marburg em surtos na África em 2015 (Olson, 1996), sustentaram a hipótese de que não se tratava de uma bactéria, mas de uma doença viral. Essas análises também foram fortemente contestadas por outros estudos que apontam a limitada capacidade de reconstrução fidedigna das sequências de DNA antigo, por meio dos recursos tecnológicos atuais, sobretudo, das sequências genéticas de vírus RNA que possuem alto grau de mutação genética (Ortner, 2003; Roberts e Manchester, 1995; Shapiro et al., 2006). A apresentação da descrição e das pesquisas deste caso de pandemia na Antiguidade inaugura e promove as reflexões sobre os inúmeros aspectos históricos em relação às diversas formas como as sociedades lidam com os impactos e as conseqüências biológicas e socioculturais causadas por eventos epidêmicos.

Situações epidêmicas criam contradições e medidas excepcionais que podem ser evidenciadas pelas incongruências entre o registro oficial da morte por meio da documentação escrita e o registro de expressões materiais das diversas etapas dos rituais fúnebres. No

⁵ Idem, 2.51.

⁶ Idem, 2.50-53.



cenário atual, o número de certificados de óbitos é inferior à própria quantidade de mortos e às demandas esperadas para a realização dos rituais funerários. Em um dos meses com maior quantidade de mortes por COVID-19, março de 2021, a dinâmica da indústria funerária enfrenta momentos de crise econômica, segundo Lourival Panhozzi, presidente da Associação Brasileira de Empresas e Diretores do Setor Funerário (Abredif):

[...] os enterros são sem adeus [...] o setor funerário está atuando no limite da capacidade. Estamos na zona vermelha. Não há mais aluguel de salas ou vendas de coroas. Tivemos que pedir para as fábricas um só padrão simples de urna, para aumentar a capacidade. Em um momento, os caixões quase ficaram sem verniz⁷

A abordagem multidisciplinar dos artigos deste dossiê permite visualizar um panorama abrangente e enriquecedor dos diferentes exemplos oferecidos em diferentes contextos históricos que interagem de forma ativa e profícua para uma compreensão do processo, das transformações e dos impactos sociais, culturais, políticos e biológicos em relação às visões sobre a morte, o cotidiano dos ritos fúnebres e o comportamento dos vivos do nosso tempo presente de epidemia e pandemia de COVID-19. Ademais, também permite refletir sobre os mais diversos tipos de documentação mortuária produzida e resultante de eventos singulares como as epidemias.

O artigo de *Andersen Líryo da Silva*, intitulado *A paleopatologia e o estudo das doenças no passado*, abre o dossiê refletindo sobre o estudo das doenças por meio da análise dos remanescentes humanos esqueletizados, sobretudo a partir de contextos arqueológicos. O autor discute os parâmetros da denominada paleopatologia, traçando um perfil histórico do desenvolvimento da disciplina e seus fundamentos teórico-metodológicos, a fim de refletir sobre seus limites e, simultaneamente, seu potencial para a investigação das patologias no presente, como a pandemia da COVID-19.

A paleopatologia constitui uma área de conhecimento que busca estabelecer e identificar as enfermidades biológicas e o impacto das patologias nos grupos humanos, no comportamento das sociedades em relação a tais patologias e suas consequências, como as alterações demográficas, nos costumes funerários e na interação com o meio ambiente. Ela não se restringe às análises osteológicas humanas, pois pode integrar o estudo da documentação iconográfica e literária. Contudo, o foco do autor no artigo diz respeito a uma reflexão pertinente sobre os diagnósticos realizados por meio da descrição detalhada das lesões ósseas que os agentes patológicos podem causar nos indivíduos enfermos.

Líryo indica que lesões ósseas semelhantes, que apresentam características descritivas comuns, podem ser causadas por diferentes agentes patológicos e, dessa maneira, a identificação do diagnóstico, da doença em específico, deve ser feita com cautela. Além disso,

⁷ AMADO, Guilherme. Funerárias estão na “zona vermelha” com Covid, diz representante do setor”. O Globo, 03/04/2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/funerarias-estao-na-zona-vermelha-com-covid-diz-representante-do-setor-24952761> Acesso em 23 abr. 2021



o autor também chama a atenção para o fato de que a “impressão” de determinados agentes patológicos nos esqueletos humanos é restrita, sobretudo, dos vírus que apresentam capacidade de mutação do material genético muito superior em relação às bactérias. Muitas doenças virais ou condições patológicas, como doenças cardíacas, infecções agudas gastrointestinais ou respiratórias, não ocasionam qualquer tipo de lesão óssea e, portanto, não são visíveis neste tipo de registro arqueológico.

Dessa forma, como conclui Liryo, “a paleopatologia concerne mais sobre a forma como as pessoas viveram do que como morreram”, e “dentre as grandes epidemias que se tem registro na história humana, é provável que poucas evidências diretas se encontrem nos esqueletos, pois esses episódios epidêmicos são rápidos, com quadros agudos que conduzem à morte em curto prazo ou ocorre a cura”. Para concluir, o autor ressalta que grandes avanços e recursos tecnológicos possibilitaram uma maior acurácia no processo de identificação dos agentes patológicos e do diagnóstico das doenças, como a paleogenética (DNA antigo ou aDNA), Raio X digital, Tomografia Computadorizada de Alta Resolução (TCAR), Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) etc., Contudo, os limites da paleopatologia no reconhecimento das doenças e dos agentes patológicos não podem ser ignorados e devem integrar as reflexões sobre os objetivos da disciplina que busca entender o contexto cultural e o comportamento humano, por intermédio do estudo de sinais de doenças, contribuindo sobremaneira para a compreensão da informação acerca da interação homem-doenças, a mudança de comportamento da população em meio a epidemias.

As alterações significativas do padrão de sinais de lesões ósseas ocorrem por diferentes razões, dentre elas, por interferência na história natural de outras doenças, modificações das condições de vida, pelas transformações socioambientais e das relações parasito-hospedeiro. Tais mudanças propiciam um aumento ou redução de cada um dos sinais de outras doenças, em comparação com períodos de estabilidade endêmica. Dessa forma, a paleopatologia pode auxiliar a entender os processos “invisíveis” de uma grande epidemia ou, até, de uma pandemia como a do COVID-19.

Em seguida, temos o artigo *Mácula e contágio: a peste como resultado do miasma em Édipo Rei*, de Cristina de Souza Agostini que analisa a noção de miasma em algumas fontes literárias gregas antigas para compreender seus diferentes significados e compará-los com o uso do termo na obra de Sófocles, Édipo Rei. A partir de uma perspectiva filosófica de análise da obra de Sófocles, a autora demonstra que o termo miasma desvincula-se da noção de castigo divino e está associado à ideia de mácula, de impureza marcada pela veiculação do sangue. É a grande responsável pelo contágio da peste que toma conta de Tebas causadora da epidemia catastrófica.

Enquanto nos poemas atribuídos a Homero o termo refere-se à noção de purificação dos homens antes das ações culturais, como um exercício, uma ação ativa que pode ser alcançada por determinados procedimentos, regras e normas, nas obras clássicas de Ésquilo e Sófocles, a noção de impureza está impregnada da ação humana, fruto da contaminação com o sangue, os assassinatos cometidos pelo personagem-título, Édipo. Para a autora, a poluição do personagem marca a mácula da peste que contamina a população e a localidade na qual se



encontra o criminoso impune, Tebas, e a dimensão do contágio e da mortalidade da doença é proporcional à quantidade de sangue que Édipo derramou. A descrição da epidemia febril pelo autor antigo, Sófocles, expõe a dimensão trágica que atinge Tebas. Ela é responsável pela morte de seus habitantes, mas não só por meio do agente patológico, a doença em si, como pela contaminação do solo e dos animais, fontes fundamentais de vida. A epidemia causa a esterilidade do solo e a fome do gado. O prognóstico desolador é explicitado ao final da peça literária, marcado pela infecundidade em todos os aspectos da vida.

A análise da epidemia e sua relação com a questão do contágio, da mácula e da contaminação do personagem apresentada por Agostini proporciona uma reflexão profícua, que desvincula as questões psicanalíticas tradicionais sobre Édipo e promove sua inserção social. Em outros termos, significa o efeito que determinadas atitudes repreendidas socialmente, como o assassinato e a consequente contaminação pelo sangue, podem alcançar e desempenhar no inconsciente dos indivíduos e nas dimensões práticas experimentadas pelos integrantes dessa sociedade, enquanto contágio e disseminação de uma patologia e da morte.

No artigo *É permitido fugir do risco de morte? de M. Lutero: Práticas culturais em um panfleto da peste no começo da Época Moderna*, Ricardo Willy Rieth apresenta o contexto da chamada Peste Negra, a epidemia mais marcante e constante desse período. Sua análise problematiza a presença da epidemia em diversos momentos entre os séculos XIV e XVI, e justifica o recorte analítico no início da época moderna pela percepção de que é neste momento que as práticas de piedade individual são afetadas pelas transformações religiosas propostas pela Reforma.

Ao articular os panfletos publicados por Martinho Lutero que questionavam a possibilidade de fuga naquele contexto da peste bubônica, o autor identifica como os discursos médicos e religiosos moldavam as práticas que indicavam os cuidados com os corpos. A revolução tecnológica advinda com o desenvolvimento da imprensa demonstra o impacto da ressonância desses panfletos para uma população até então alienada desse conhecimento. A Europa não iria conhecer epidemia tão trágica como a peste bubônica, segundo Delumeau. Os panfletos analisados por Rieth demonstram que os pontos principais neles abordados se referem ao distanciamento e ao isolamento social. Os panfletos indicam como estas práticas culturais poderiam atuar de forma pedagógica nos sentidos produzidos pelas pessoas em relação aos seus corpos e de sua comunidade. Ao associar discursos médicos e religiosos, Lutero procura formular como o indivíduo poderia enfrentar este desafio.

Tal desafio também é presente no enfrentamento de uma epidemia em outro recorte espaço-temporal. No artigo *“E a padiola ia e vinha, rangendo lugubrememente” coveiros, cemitérios e epidemia do cólera no Ceará (1862)*, de Jucieldo Ferreira Alexandre e Dhenis Silva Maciel, o cólera morbos é a temática abordada a partir da perspectiva sobre o modo como esta peste provocou alterações nas práticas e rituais de sepultamento dos mortos vítimas da doença. Utilizando documentação oficial e periódicos, os autores descrevem os abalos na sociedade cearense diante de uma epidemia devastadora de cólera. A desordem social provocava tanto medo como a própria doença. O artigo explora como a crise instaurada pela falta de coveiros e a presença dos cadáveres insepultos se destaca naquele contexto da epidemia.



As atitudes diante da morte sofreram profundas transformações neste período. Não era apenas a questão do bem morrer abordada por Ariès, pois a catástrofe do ponto de vista higiênico superou a preparação prévia já esboçada pelas autoridades locais. As fontes revelam como todas as expectativas foram ultrapassadas pelos enterros em massa. Os autores descrevem o terror desse evento e discutem como, mesmo com a consolidação dos cemitérios extramuros, a desritualização da morte atingiu profundamente aquela sociedade. O medo de morrer e o medo de não ter um sepultamento cristão se igualavam para os indivíduos naquele contexto. O protagonismo de um personagem nem sempre explorado pela historiografia, o coveiro, indica outra grande contribuição desse texto para o presente dossiê.

Josalba Fabiana dos Santos, em *Uma epidemia chamada patriarcalismo e suas sequelas, apresenta a análise de A menina morta* de Cornélio Penna. O romance, escrito em meados do século XX, remete à realidade histórica do Brasil no final do século XIX. A febre amarela invade o espaço da Corte imperial, questionando o racismo e expondo os preconceitos de uma sociedade decadente. A autora segue Ludmer que, por sua vez, se inspira na *História crítica da teoria da mais-valia* de Karl Marx, que indica uma identificação do crime com o sistema capitalista e aponta como o crime produz leis, mas também arte e literatura (Ludmer, 1999, p. 12). O crime e, portanto, o capitalismo e as consequências da exploração, são um fenômeno transversal que articula vários campos da vida social. Nesse caso, a febre amarela passa a cumprir esse papel articulador, embora apareça quase no meio do romance, pois entre silêncios e tensões dramáticas, é a chave que leva a narrativa ao clímax. Na análise de Santos, o papel da febre amarela na trama é fundamental, pois articula a história como metáfora do patriarcalismo.

O artigo é inspirado no ensaio de Susan Sontag (2003) sobre tuberculose e câncer, mas segue uma direção contrária. Sontag, que viveu o câncer, falou sobre sua experiência, sobre como a doença é silenciada e como se evita enfrentá-la diretamente, recorrendo a metáforas sobre a "invasão" das células cancerosas e sobre a "batalha" que o paciente deve travar contra elas. Reconhecer a doença como tal, sem metáforas, seria o melhor para o paciente. No artigo deste dossiê, a própria doença é considerada a metáfora de uma realidade social de opressão e iniquidade, o patriarcado. A análise de Josalba Fabiana dos Santos oferece uma reflexão atual. Por um lado, mostra como o romance aborda um problema não resolvido, que pode ser resumido no termo patriarcado, no qual está incluída a escravidão, por um lado e, por outro, a subjugação das mulheres. No romance, a protagonista toma consciência de seu lugar, um lugar de ignorância e incapacidade de decidir; ao mesmo tempo em que assume gradualmente que a situação dos escravos é terrível e injusta. No entanto, a morte do pai nem a libertação dos escravos resolvem o problema, uma vez que a desigualdade social e de gênero ainda permanecem.

Se a febre amarela pode ser a metáfora de uma doença social e as doenças podem se disfarçar por metáforas, a verdade é que nestes tempos de COVID-19 é urgente enfrentar nossos medos cara a cara, sem metáforas.

O artigo de Alexandra Patrícia Esteves e Silvia Daniela Pinto, *Quando a morte espreita: as epidemias no Minho entre o século XIX e as primeiras duas décadas do século XX*, estuda



as epidemias ocorridas na região do Minho, em Portugal, entre os séculos XIX e XX, incluindo a cólera, a varíola, o tifo e a gripe pneumônica. As autoras apresentam o caso regional, em diálogo com o que ocorre no país e no mundo. Depois de localizar esta região praticamente esquecida em Portugal, na fronteira com a Galiza, são evidentes as difíceis condições de vida, em que a pobreza, a ignorância e as condições insalubres explicam a proliferação de doenças. Não apenas descrevem cada um dos incidentes epidêmicos na área, como testemunham as transformações que ocorrem nas regulamentações e operações das populações, indicando como as epidemias geram mudanças, tanto legais quanto organizacionais. Além disso, destacam-se o desenvolvimento do sistema de saúde, o apoio de instituições beneficentes e o surgimento de instituições científicas voltadas para o combate dessas doenças. Observa-se o crescimento do higienismo, que por um lado implica uma aplicação de medidas de higiene que visam a saúde, mas também implica na educação da população e renovação moral e social (Viñao, 2010, p. 183), um projeto que confronta interesses econômicos e tradição cultural.

De especial interesse é observar a forma como a população reage às doenças: alguns grupos tomam decisões influenciadas por aspectos divinos e organizam procissões, outros assumem práticas tradicionais para lidar com elas. Enquanto o conhecimento científico aumenta com as descobertas de Pasteur e Koch, enquanto o higienismo típico do século XIX se desenvolve, a população resiste a seguir as indicações das autoridades sanitárias por razões econômicas e culturais. Medidas de higiene, como banho ou despiolhamento, e que evitam o contato com os enfermos, como fechamento de fronteiras ou quarentena, são questionadas pela população que a elas resistem. Mais de um século depois dessas respostas sociais não se pode deixar de pensar no que se vive hoje em face da pandemia do coronavírus, as reações de quem se opõe ao uso de máscaras, o distanciamento social e a quarentena em casa.

No próximo artigo do dossiê, voltamos ao caráter metafórico que as doenças epidêmicas podem ter com *“La representación de las pasiones humanas como epidemia en la historieta El cuento de Hortensia y la Muerte”*. Neste artigo, Isuki Castelli Olvera analisa o cartoon *O Conto de Hortênsia e a Morte*, de Verónica Jiménez (2019), cuja narrativa expõe como as paixões humanas desencadeiam uma destruição individual e social apocalíptica, equiparando sua dispersão pela humanidade à de um vírus de desastrosas consequências. Castelli Olvera aplica cuidadosamente recursos da semiótica para realizar sua análise. O referencial para a compreensão da criação da história em quadrinhos é a teoria de Calabrese (1999), sob o título de estética neobarroca que afirma que, na contemporaneidade, a produção artística é dominada pela repetição, fragmento, citação, pastiche. Na caricatura estudada são repetidos diagramas ou retirados fragmentos da narrativa de Isaac Asimov, do cinema de ficção científica, da tradição cristã sobre o pecado e o apocalipse, que se inserem como citações ou servem de referência, construindo um gráfico original da história.

Da mesma forma, Castelli Olvera segue os procedimentos propostos por Ginzburg (2008), atentando para os detalhes e explorando extensivamente as referências religiosas, históricas e culturais da obra. Sua análise surpreende pelo seguimento de todas as pistas: a equiparação de uma máquina 3D com a caixa de Pandora, a assimilação de dois exploradores extraterrestres com os personagens de *O que é aquela coisa chamada amor?* de Asimov, a transmissão do vírus



através do vestido e a concepção de um tempo linear produzida pelo pensamento cristão são apenas alguns exemplos. O estudo sustenta-se, portanto, através da meticulosa aplicação da semiótica visual que descreve tanto as imagens quanto os diversos planos narrativos, seguida de ampla consulta às fontes que alimentam a criadora da história em quadrinhos e o resgate para, por meio de entrevista, de seu próprio testemunho.

De fato, a análise da obra acaba mostrando um cômico contemporâneo que, com certo tom moralizador, assume que o pecado, principalmente a inveja, pode desencadear um mal após o outro, para produzir a destruição da humanidade. Assim, a inveja assimilada a um vírus se espalha pelo mundo, espalhando os males do orgulho e da raiva, gerando o apocalipse que aniquila a raça humana. *A história de Hortensia y la Muerte* foi publicada em 2019, no contexto da crise global gerada pelo neoliberalismo voraz, que envolve uma desigualdade global verdadeiramente vergonhosa, uma destruição sistemática do meio ambiente e um retorno surpreendente do racismo e do autoritarismo. Terreno de troca e interesses financeiros no qual se expandiu a pandemia de COVID-19 que se espalharia no final deste ano.

Tal situação global deixa de ser literária para se tornar uma experiência viva no último artigo deste dossiê, de autoria de Federico Fernandez, Patricia Marisel Arrueta e Sebastian Matias Peralta, *Desigualdad y muerte en los confines del noroeste argentino, durante la pandemia COVID-19*. A desigualdade no Noroeste argentino é gritante quando a epidemia de COVID-19 se espalha pela região e adquire traços distintivos de uma sindemia, ou seja, se alia a doenças pré-existentes e não epidêmicas como obesidade e diabetes, aumentando o índice de mortalidade. O foco deste artigo é baseado em obras antropológicas clássicas, como a de Oscar Lewis (1965) – que, por meio da etnografia, analisa a dura realidade de uma família pobre na Cidade do México nos anos 1950 –, e de Nancy Scheper-Hugues (1997), que faz o mesmo procedimento para o caso do Nordeste brasileiro. Ambas as obras são abundantes em mostrar a realidade social, econômica e cultural sem enfeites da pobreza.

Seguindo esta linha da Antropologia da pobreza, o artigo aborda inicialmente como a pobreza gera diversos problemas nutricionais, destacando o grau de obesidade, uma das doenças que aliada ao coronavírus fez com que a região de Jujuy fosse uma das mais afetadas em 2020. Estabelece claramente que as condições econômicas geram problemas endêmicos de saúde que, combinados com os epidêmicos, aumentam seu poder letal. A pobreza mata. Em seguida, o artigo enfoca a como a desigualdade afeta a ritualidade associada à morte no Noroeste argentino, ao evidenciar o tratamento social desigual daqueles que morreram de COVID-19. O caso de um homem cavando a sepultura de seu pai quando cemitérios não tem mais a capacidade de servir a todos e o de uma família exigindo a entrega do cadáver de seu parente falecido no hospital, são alguns exemplos de como a crise de saúde atinge duplamente a população mais vulnerável.

“Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19 no Brasil”, de autoria de Tatiana Colasante e Amanda Gomes Pereira, encerra o dossiê. O artigo é o relato quente de uma experiência de pesquisa e extensão universitária realizada durante a pandemia de COVID-19 junto a mulheres universitárias do município de São Bernardo no Maranhão. O texto problematiza o conceito de mistanásia ou morte social, mostrando que as mulheres entrevistadas sofrem



de precarização das condições de trabalho e moradia, além de se verem impactadas pelos vários impedimentos de realização de rituais fúnebres dos entes queridos perdidos durante a pandemia.

Os artigos que compõem esse dossiê sobre *Epidemias e suas narrativas multidisciplinares ao longo da História* trazem reflexões sociais e políticas potentes e atuais. Por um lado, a importância do conhecimento científico sobre essas doenças e a forma de combatê-las; de outro, as formas como a sociedade reage a eles, seus medos, suas práticas, suas atitudes culturais em relação à doença e à morte. Da mesma forma, as epidemias têm impacto na geração de reflexões morais ou religiosas, como as de Lutero, e na criação de produtos culturais como os de Cornélio Penna ou Verónica Jiménez. O estudo social e histórico de todos esses fenômenos mostra um raio-X do que ainda é preciso fazer para alcançar uma sociedade justa e democrática. A reflexão sobre a morte e o morrer propicia repensar o valor da vida e do viver.

Referências Bibliográficas

AXARLIS, Nikos. *Plague Victims Found: Mass Burial in Athens*. *Archaeology*, online, 15 abr. 1998. Disponível em: <https://archive.archaeology.org/online/news/kerameikos.html>. Acesso em: 10 Mai. 2021.

CALABRESE, Omar. *La era neobarroca*. Madrid: Cátedra, 1999. 212 p.

CAMPILLO, Domènec. *Introducción a la paleopatología*. Barcelona: Bellaterra, 2001. 592 p.

GINZBURG, Carlo. Indícios. Raíces de un paradigma de inferencias indiciales. En: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, indícios*. Morfología e historia. Barcelon Gedisa, 2008. p. 185 – 239.

JIMÉNEZ, Verónica. *El cuento de Hortensia y la Muerte*. Kokoro NG, Ciudad de Mexico, v. 1, 2019. 20 p.

LEWIS, Óscar. *Antropología de la pobreza: cinco familias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1961. 304 p.

LEWIS, Óscar. *Los hijos de Sánchez*. Una muerte en la familia. México: Fondo de Cultura Económica, 1965. 531 p.

LITTMAN, Robert J. The plague of Athens: epidemiology and paleopathology. *The Mount Sinai Journal of Medicine*, New York, v. 76, n. 5, p. 456-467, oct. 2009. <https://doi.org/10.1002/msj.20137>

LUDMER, Josefina. *El cuerpo del delito*. Un manual. Buenos Aires: Libros Perfil, 1999. 510 p.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (comp.). *Dicionário Grego-Português*. Volume II: e-i. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. 272 p.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (comp.). *Dicionário Grego-Português*. Volume IV: p-r. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. 208 p.

MARTÍNEZ, Javier. Political consequences of the Plague of Athens. *Graeco-Latina Brunensia*. Brno, v. 22, n. 1, p. 135-146, 2017. <https://doi.org/10.5817/GLB2017-1-12>



OLSON, P.E.; HAMES, C.S.; BENENSON, A.S.; GENOVESE, E.N. The Thucydides syndrome: ebola déjà vu? (or ebola reemergent?). *Emerging Infectious Diseases*, Washington, v. 2, n. 2, p. 155-156, apr./jun. 1996. <https://doi.org/10.3201/eid0202.960220>

ORTNER, Donald. *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Academic Press: San Diego, 2003. 858 p.

PAPAGRIGORAKIS, Manolis J.; YAPIJAKIS, Christos; SYNODINOS, Philippos N.; BAZIOTOPOULOU-VALAVANI, Effie. DNA examination of ancient dental pulp incriminates typhoid fever as a probable cause of the Plague of Athens. *International Journal of Infectious Diseases*, Brookline, v. 10, n. 3, p. 206-214, 2006a. <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2005.09.001>

PAPAGRIGORAKIS, Manolis J.; YAPIJAKIS, Christos; SYNODINOS, Philippos N.; BAZIOTOPOULOU-VALAVANI, Effie. Insufficient phylogenetic analysis may not exclude candidacy of typhoid fever as a probable cause of the Plague of Athens (reply to Shapiro et al.). *International Journal of Infectious Diseases*, Brookline, v. 10, n. 4, p. 335-336, 2006b. <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2006.02.005>

ROBERTS, Charlotte; MANCHESTER, Keith. *The archaeology of disease*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1995. 352 p.

SCHEPER-HUGUES, N. *La Muerte sin llanto*. Violencia y vida cotidiana en Brasil. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. 1997. 571 p.

SHAPIRO, Beth; RAMBAUT, Andrew; GILBERT, Marcus et al. No proof that typhoid caused the Plague of Athens (a reply to Papagrigrorakis et al.). *International Journal of Infectious Diseases*, Brookline, v. 10, n. 4, p. 334-335, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2006.02.006>

SONTAG, Susan. *La enfermedad y sus metáforas*. El sida y sus metáforas. Buenos Aires: Taurus, 2003. 86 p.

SOURVINOU-INWOOD, Christiane. *Tragedy and Athenian Religion*. Lexington Books, 2003. 576 p.

VIÑAO, Antonio. Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica. *Educación*, Curitiba, n. 36, p. 181-213, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100013>

